

reportagem cultural

Fora do eixo, mas dentro do estúdio

Cristiano Bastos, especial para o JC

Em Capão da Canoa, a história da música independente do Litoral Norte também pode ser contada a partir de uma sala de gravação. Desde 2003, o UFO Estúdio acompanha artistas, bandas e diferentes gerações da cena regional, registrando não apenas músicas, mas momentos de uma produção que encontrou no próprio território as condições para existir. Ao longo de mais de duas décadas, o estúdio deixou de ser apenas um espaço técnico e se consolidou como ponto de encontro, criação e memória de uma cena que construiu sua identidade longe da capital.

“Quando o UFO começou, em 2003, já havia músicos e bandas fazendo acontecer por aqui”,

diz Diego Voges, produtor e técnico de som à frente do estúdio. Foi nesse ambiente que surgiram trabalhos autorais de grupos como Grizon 9, Parkson, Campus Elius, Toads Tool, Dexter, Tia Ema e Cabides.

O UFO entrou no circuito justamente quando os músicos buscavam uma identidade própria, além do repertório de covers que predominava nos bares. A existência de uma estrutura local diminuiu a distância entre o músico e sua produção. Em vez de buscar Porto Alegre, era possível compor, ensaiar e gravar no próprio ecossistema. O movimento foi inverso também: bandas da capital passaram a procurar o UFO. Músicos ficavam na cidade, frequentavam shows e se integravam.

Em mais de 20 anos, passaram pelo UFO artistas de diferentes cidades e gerações, como Drunk Vision, Snow Twins, Lham, Chá de Flor, Piratas Siderais, Save Our Souls, Marcelo Valim e Marcinho Araújo, entre outros. São mais de 5 mil músicas gravadas.

Mais que um local de registro, o UFO tornou-se um arquivo vivo de uma cena que construiu identidade longe da capital. Cada gravação guarda um pouco daquele momento: bandas que começaram, projetos que ganharam forma, encontros que aproximaram músicos e uma produção que, aos poucos, deixou de depender exclusivamente do eixo Porto Alegre. “Foi um dos lugares onde uma parte dessa história aconteceu.”



Diego Voges é o técnico de som por trás do UFO Estúdio, espaço que se tornou um dos eixos do rock no Litoral Norte

Onda fonográfica

Desde sempre, Porto Alegre concentrou boa parte do circuito profissional da música produzida no Estado. Para artistas do interior e do Litoral Norte, construir uma carreira autoral significou historicamente criar pontes com a Capital. No litoral, esse desafio é ainda maior: há intensa movimentação cultural, sobretudo no verão, mas poucas estru-

ras permanentes.

É nesse cenário que atua, a partir de Imbé, a Acorde! Records, liderada por Igor Casa Nova. Músico, compositor, produtor e empreendedor, Igor conhece de perto as dificuldades de produzir longe do eixo. Como baterista, produtor e diretor artístico dos Piratas Siderais, banda formada em Imbé em 2015,

vivenciou os obstáculos de criar, gravar, divulgar e circular sem a infraestrutura da capital.

À frente da Acorde!, essa experiência se transforma em estrutura para outros artistas. O selo trabalha com produção fonográfica, planejamento de lançamentos, distribuição digital, mídia física, *merchandising* e desenvolvimento de carreira, oferecendo



Marcelo Astiazara

A trajetória do músico, *performer* e compositor Marcelo Astiazara, nascido em

Tramandaí e radicado em Porto Alegre, acompanha as transformações da música no Litoral Norte. Educador musical, começou aos 16 anos, em 2002, vencendo um concurso de bandas na Escola Barão de Tramandaí com a Odisseia.

Ao se profissionalizar, testemunhou a forte cena punk e hardcore da região, com destaque para a Vórtex, de Imbé. Tratava-se de um circuito próprio, sustentado por fãs, CDs, fitas e camisetas. “Era uma cena que se sustentava por ali e criava uma magia inspiradora”. Antes, no final dos anos 1980, Catuípe, Serginho Sá e Aloísio Rodrigues faziam a noite na Rua Jorge Sperb.

Foi nesse ambiente que deu vida a Os Taxons, banda de rock autoral que encontrou nas rádios locais e nos “shows de prefeitura” canais para conquistar público. Venceram o Paredão, da Rádio Atlântica, e o Maré da Canção. “Éramos muito dependentes do que o nosso próprio meio nos proporciona. Até uma corda de guitarra era difícil de achar.”

Em 2011, formou Os Danadões com Robson Almeida. A junção de música, humor e teatro levou a dupla ao Brasil e ao exterior, incluindo o Cavern Club, em Liverpool. Também criou Ziggy, em tributo a David Bowie, e lançou *Ellas*, seu primeiro álbum autoral. Neste ano, saiu-se com *Tramandaí*, versão de música do Sombrero Luminoso com o argentino Andy Pugliese, e prepara músicas novas com King Jim e Pata de Elefante. “Antigamente me sentia ilhado, incompreendido. As redes quebraram essa barreira”, diz. “E seguimos, ‘tramando-aí’ o futuro.”

Daniel Villaverde

Entre fanzines, fitas demo e shows, Daniel Villaverde, o Vila, ajudou a transformar Santo Antônio da Patrulha em endereço do

underground gaúcho entre o fim dos anos 1990 e os anos 2000. Fundador da Ornitorrincos e atual vocalista da banda Conflito, ele



separa: “A Ornitorrincos ensaio em Santo Antônio de Porto Alegre, então é. Sua relação com a cidade integrou *Scream Noise* e editou com Gustavo Insa Muertos, manteve selo e “A gente fazia fanzines, gente de todo o Brasil, distribuía discos e fitas.”

A distância da Capital viu Porto Alegre o rio tá ali, tu tens que cavar até aqui, começou uma cena do forte para a época.” O Porto Medeiros, e o Rivas Bar, bandas do País. “A gente cidade no mapa brasileiro, outros estados iam tocar, tocava em Porto Alegre, Desde 2009 em Porto Alegre independente com a Pura. “Hoje ainda tem cena lá, no Rivas.” Para ele, a maior centros é: “Quando não acabas criando a tua pro-



infância, brabo, desviar de quero-açude com sanguessugos. O estalo veio nos anos 1980, TV em preto e branco. N tocando piano com os p instrumento. “Ali eu entre ser. Foi dali que saiu esse *frontman* de Osório.”

Aos dez, a mudança para rádio 3 em 1 e a formação Led Zeppelin e Raul Seix surf. Em 1998, assumiu epicentro cultural com F campeonatos de surf, muambas de carnaval e saraus. “Era meu labora-

suporte profissional sem interferir na identidade dos artistas.

“A ideia da Acorde! é oferecer estrutura profissional sem interferir na identidade criativa de cada um. A gente trabalha em parceria, respeitando a liberdade artística e entendendo que cada projeto tem suas características”, explica Igor.

Mais do que números de

streaming, o selo aposta em trajetórias. O lançamento é pensado como parte de um processo que envolve planejamento, divulgação, circulação e, quando pertinente, produtos físicos. O catálogo reúne nomes como Inkopetentez, Pântano do Inferno, Chica Gnose, Criss Howes, Vampiros Tropicais e os próprios Piratas Siderais.